

RELAÇÕES DE GÊNERO NOS ROMANCES “RELATO DE UM CERTO ORIENTE” E “DOIS IRMÃOS”, DE MILTON HATOUM

Joanna da Silva (UFAM)

RESUMO: A literatura enquanto mecanismo de representação sociocultural constitui-se como importante ferramenta no processo de discussão e problematização dos mais diversos conceitos de poder e hegemonia no âmbito sociocultural. Desta forma, o presente ensaio tem por objetivo investigar, através das complexas relações entre homens e mulheres, interseccionadas a questões de classe e etnia, como se constroem as relações de poder, relacionadas à representação de gênero nos romances “Relato de um certo Oriente” (1989), e “Dois Irmãos” (2000), do escritor Milton Hatoum. A abordagem privilegia a categoria de análise “gênero” nas diversas temáticas atreladas a esta questão, sem abrir mão de conceitos e categorias como patriarcado, pós-patriarcado, classe social e etnia. Para tanto, os referenciais teóricos serão buscados em autores como Andrea Naye (1995), Audre Lorde (1997), Gayatri Spivak (1988), Louis Althusser (1987), entre outros. Aponta-se no contexto das relações de gênero nos dois romances hatouniano a emergência de um novo regime, que Juliet F. MacCannell (1991) denomina “pós-patriarcal”, centrado na figura do “irmão”, em que os arranjos de poder na constelação familiar redefinirão os papéis sexuais, gerando complexas formas de exclusão da mulher.

Palavras-chave: Relações de gênero. Romances. Milton Hatoum.

1. Introdução

Milton Hatoum é um escritor contemporâneo cujas narrativas contextualizam na cidade de Manaus durante as décadas de 1950 e 1960. Além de suscitar temas diversos como memória, cultura, identidade, regionalismo e história familiar, elas despertam também a atenção do leitor para a construção e a representação de suas personagens femininas. Mesmo em uma leitura preliminar, podemos perceber que seu texto é povoado por mulheres de origens diversas (libanesas, amazonenses, indígenas) que, juntas, dividem o mesmo espaço e protagonizam distintos papéis, através dos quais definem e seguem regras e costumes relativos à época e ao meio social no qual estão inseridas.

Essas mulheres/personagens são responsáveis por deflagrar tabus e preconceitos existentes no seio familiar, assim como interferem nas disputas masculinas por prestígio e poder. É nesse contexto narrativo que surgem as relações conflituosas entre pais e filhos, irmãos e irmãs, as quais evidenciam uma relação supostamente incestuosa envolvendo filhos e mães, irmãos e irmãs, além daquelas fortemente erotizadas, que enlaçam maridos, esposas e amantes em cenários de conflito ou de busca, geralmente vã, pela mulher idealizada.

Tal cenário é flagrado na dinâmica relacional dos textos de Hatoum como sintoma de uma sociedade em derrocada, onde a mulher tem ocupado lugares de exclusão mesmo quando se situa em posição social e econômica privilegiada. É a partir desse panorama ficcional que me proponho a empreender uma análise das relações de gênero que toma como objeto de estudo as duas primeiras

obras¹ publicadas pelo escritor amazonense Milton Hatoum²: “Relato de um certo Oriente” (1989)³ e “Dois irmãos” (2000)⁴.

À primeira vista, segundo a professora e crítica literária, Adelaine LaGuardia (2015), esse tipo de abordagem crítica pode parecer já superado dentro do próprio debate feminista, pois a preocupação com as formas como os homens representam as mulheres constituiu a primeira preocupação das feministas literárias, desde Virginia Woolf, que diagnosticou, em seu célebre livro intitulado “Um teto todo seu”, a obsessão masculina pela mulher e as representações estereotipadas sobre ela feitas na grande maioria das publicações existentes na história humana. A pretensão daquelas estudiosas pioneiras, para LaGuardia, era conhecer o lugar reservado à mulher no pensamento hegemônico masculino, como forma de compreender as razões de sua histórica opressão.

Estudar as representações femininas em Milton Hatoum é, portanto, um projeto político antes de mais nada, que coloca em evidência a persistência de estereótipos, modelos comportamentais e tabus responsáveis pela construção do gênero que, em larga medida, ainda aprisiona as mulheres a lugares de exclusão na sociedade. O estudo atual das representações femininas, em contraste com os estudos clássicos, não vê a mulher como “ser essencial”, mas estrategicamente como “categoria política” heterogênea, ao levar em conta a multiplicidade que recorta suas experiências, condição e lugar social, seja como mulher casada ou solteira, trabalhadora ou dona de casa, branca ou negra, velha ou jovem, hetero ou homossexual, imigrante ou nativa, entre outros. É nessa perspectiva mais contemporânea que esse estudo se insere e ganha relevância.

No presente trabalho busco priorizar como critério de análise o perfil e a representação das personagens femininas nos romances citados por meio do uso de “categorias” femininas de análise, assim dispostas: mães, filhas mulheres e empregadas. Num primeiro momento tomo a figura das mães como personagens centrais nas duas obras em tela, priorizando a forma como elas se comportam e interagem com as demais personagens (esposos, filhos homens, filhas mulheres e empregadas). Num segundo momento discuto a respeito do papel das filhas mulheres em contraposição aos irmãos. E por último, num terceiro momento, focalizo o papel das empregadas domésticas, que personificam não somente a mão de obra servil feminina, como também simbolizam a diferença entre classe, raça e etnia, que vem corroborar de maneira significativa para a sua exclusão no sistema de produção capitalista e sua consequente discriminação/subalternização no âmbito das relações sociais.

¹ Milton Hatoum publicou, até o momento, um total de seis livros, sendo romance os quatro primeiros, em seguida um livro de contos, e mais recente o livro de crônicas, assim sequenciados: “Relato de um certo Oriente” (1989), “Dois Irmãos” (2000), “Cinzas do Norte” (2005), “Órfãos do Eldorado” (2008), “A cidade ilhada” (2009), “Um solitário à espreita” (2013).

² Buscando dar maior consistência ao *corpus*, exclui-se da presente análise os romances “Cinzas do Norte” (2005), “Órfãos do Eldorado” (2008), a coletânea de contos intitulada “A cidade ilhada” (2009), e a o livro de crônicas intitulado “Um solitário à espreita” (2013).

³ O romance “Relato de um certo Oriente” teve sua primeira edição publicada em 1989, porém, neste trabalho utilizaremos a 2ª. Edição, publicada em 2002.

⁴ Ao longo da análise, a obra “Relato de um certo Oriente” será referenciada com a Sigla “RO”, seguida do ano e número da página, assim como o romance “Dois Irmãos”, pela sigla “DO”, também seguida do ano e número da página.

2. Esposas e mães nos romances de Milton Hatoum

Nas obras “Relato de um certo Oriente” e “Dois irmãos”, é perceptível o quanto a ideologia patriarcal se constitui através do discurso normativo. Nessas obras, a presença da mulher libanesa é evidenciada como conservadora e propagadora dessa ideologia. As “matriarcas” Emilie e Zana exemplificam muito bem essas características constituídas. Detentoras dos segredos da família, elas governam a casa, cuidam dos maridos, acompanham o crescimento dos filhos, e são guardiãs das memórias ligadas à identidade cultural libanesa.

É visível a predileção dessas mães pelos filhos homens em detrimento das filhas mulheres, sendo essa uma das atitudes responsáveis por atribuir ao homem sua centralidade como detentor do poder e da atenção feminina. Essa atitude materna também é, por imitação, seguida pela filha e pela empregada, mulheres que se desdobram em cuidados com seus maridos, filhos, irmãos e/ou patrões. É o que retrata, ironicamente, o personagem/narrador Nael, no romance “Dois irmãos”, ao reclamar do excesso de cuidados dedicados a Omar, por parte das mulheres da casa, após mais uma de suas noites de bebedeiras: “Rânia passava arnica na face intumescida, a mãe alimentava o filhote na boquinha e Domingas ajeitava o penico para ele mijar. Três escravas de um cativo (DI, p. 92). As palavras de Nael comprovam a centralidade masculina instituída no ambiente familiar, neste caso, em especial, do filho/irmão, pois as mulheres, ao se curvarem perante a “majestade do ego” masculino, conformam-se, escravizam-se, atitude esta que concretiza a introjeção, por elas próprias, de seu lugar subalterno na ordem familiar e social.

Cabe ainda observar que o elemento a ocupar o centro deste episódio não é mais a figura do pai, e sim a do filho/irmão. MacCannell (1991), em uma leitura psicanalítica, a partir de Freud e Lacan, argumenta que essa é a característica do novo regime que reconfigura as relações de gênero na modernidade pós-iluminista. Segundo a autora, o patriarcado, cujo emblema era a autoridade do Pai, e cuja instância psíquica dominante era o superego, passa a ser substituído pelo ela denomina como “Regime do Irmão”, enquanto a figura do pai entra em declínio. Assim, o retrato da família, num arranjo moderno, passa a ser remodelado, tendo ao centro não mais a figura emblemática do pai, mas a do filho/irmão/tio⁵.

Neste novo “Regime”, o culto aos antecessores se desfaz e institui-se aquilo que Freud denomina “grupo artificial”, que visa à conformidade com a sociedade de massa. Nela, o “líder” é um

⁵ Segundo MacCannell (1991, p. 12-13. Minha tradução), as narrativas iluministas esclareceram que, para o bem ou para o mal, o arranjo doméstico patriarcal deveria se submeter ao estado político moldado por uma nova norma não patriarcal igualitária – a fraternidade. Contudo, como Montesquieu alertava, a democracia deveria temer duas coisas: a extrema desigualdade e a extrema igualdade. A construção de um estado político em torno da liberdade, igualdade e fraternidade é a própria essência, esperança e glória da modernidade, o coração da democracia. Elas nos livram das hierarquias irracionais (garantindo a igualdade), da repressão arbitrária do déspota (gerando a liberdade) e nos permite reconhecer a humanidade comum a todos os membros da espécie (fraternidade). Uma democracia fundada nesses valores teria de fato produzido uma nova comunidade humana e deslocado o modelo edipiano. Mas isso não ocorreu. Em vez disso, a forma edipiana foi mantida, mas não a sua substância (que é moderar as paixões centradas no ego, civilizar e promover os objetivos comuns, bem como dar suporte à sexualidade através da diferença). Sob o “nome” do pai, um Outro sádico – inconsciente, superego, *It* – começa seu reino de prazer e terror. O Regime do Irmão inicia.

homem comum, que não reivindica para si qualquer atributo especial, porém é maior que os outros. Não é necessariamente um Outro, como fora o pai, mas age como um pai sem sê-lo e, desta forma, enquanto pura metáfora do pai, não está obrigado a exercer a função paterna(l) de “proteger e salvar”, embora a espelhe. Em outras palavras, ao ocupar o lugar (vazio) do Pai, o Irmão pode simular uma ordem simbólica – imaginariamente: é a metáfora paterna do coletivo artificial e moderno (MACCANNELL, 1991).

Em Hatoum algumas dessas características são claramente observadas através de seus personagens. Na obra “Relato de um certo Oriente”, por exemplo, o exagerado zelo materno em relação aos varões da família chama a atenção. Emilie, segundo o próprio filho Hakim, venerava os filhos homens, não media esforços para paparicá-los, agradá-los e protegê-los, atitude à qual o pai/marido se opunha, chegando a se irritar com o protecionismo da esposa em favor dos filhos. Esse zelo, no entanto, estava eivado de conotações incestuosas. Segundo o pai, “era inútil censurá-los ou repreendê-los. Emilie colocava-se sempre ao lado deles; eram pérolas que flutuavam entre o céu e a terra, sempre visíveis e reluzentes aos seus olhos [...]” (RO, p. 87).

As personagens Emilie e Zana desempenham um papel essencial nas narrativas, pois representam vertentes da posição que se espera que a mulher ocupe dentro dos padrões comportamentais a ela destinados numa sociedade onde resquícios da cultura tradicional convivem com uma nova ordem. Elas vivem no seio do lar, apegadas à rotina do ambiente doméstico. São mulheres religiosas, bem educadas, prendadas, sabem servir, organizar reuniões familiares e receber convidados. Além disso, são dotadas de beleza e elegância. Ora, aí já se coloca, de forma contundente, como se estabelece e ratifica, por meio da construção dessas personagens, o lugar da mulher na visão masculinista. Suas “qualidades”, ao contrário de lisonjear ou enaltecer seu caráter, podem ser vistas, segundo Andrea Nye (1995), e Pierre Bourdieu (2005), como fatores delimitadores de seu papel. Desta forma, a mulher é tida como ser “naturalmente” inclinado à reprodução e à reclusão, não à produção ou à vida pública.

A história de vida da personagem Emilie “RO), é (re)constituída através da voz de uma personagem do gênero feminino, sua filha adotiva, e situada no espaço doméstico. Assim, a casa constitui uma espécie de microcosmo onde se dá o desenvolvimento do enredo. Com isso, a obra aborda diversos conflitos psicológicos e familiares das personagens, tais como: a figura materna idealizada enquanto símbolo de acolhimento e ternura, a figura da irmã abandonada e discriminada por não se adequar às normas de gênero socialmente estabelecidas e a presença servil da empregada doméstica com seu íntimo sentimento de deslocamento, causado por um “exílio forçado”. Todas elas parecem viver em função dos filhos, do irmão e/ou patrão.

Emilie possui seis filhos: Hakim, o filho predileto, assim referenciado pela narradora, outros dois filhos homens, descritos como “inomináveis”, a caçula Samara Délia e mais dois filhos adotivos:

a narradora e seu irmão. Como mãe, às vezes, Emilie ultrapassava os limites no carinho e na proteção, principalmente com os filhos homens

O marido de Emilie, pai de família conservador, irritava-se com o comportamento irresponsável dos “filhos inomináveis”, segundo ele, estes “confundiam sexo com instinto” (RO, p. 87). Também não respeitavam a irmã, Samara Délia, que passou a carregar o estigma de “mulher perdida” por ter engravidado ainda jovem e solteira. Discriminavam-na, denegriam sua imagem diante da família. Samara era insultada e perseguida pelos irmãos que a consideravam “erradia e tresloucada”.

Emilie age, na relação com o marido, os filhos e os empregados, segundo uma ordem arbitrária, simbolicamente masculina, pois esta é a lei vigente em sua família. A conduta masculina é assim regida por normas distintas daquelas aplicadas à mulher, sendo direito do homem exercer livremente a sexualidade, uma vez que até certo ponto é tolerada a libertinagem ou a paternidade irresponsável. Desta forma, pode-se perceber que, dentro da esfera social dos imigrantes libaneses, homens e mulheres ocupam mundos diametralmente opostos.

A mesma atitude comportamental exercido pela personagem Emilie, ao desempenhar um papel opressivo sobre outras mulheres e privilegiar os filhos homens, é também evidente em Zana, a personagem central do romance “Dois irmãos”. Nesta segunda obra, Hatoum também explora a temática da imigração libanesa e o drama familiar evidenciado no destino dos dois filhos gêmeos, Yaqub e Omar.

Zana é uma mulher de personalidade forte, dona de si, teimosa e convicta, qualidades que evidenciam nela, assim como em Emilie, a representação idealizada da “mãe fálica”. Entretanto, esses elementos tornam-se contraditórios ao levarmos em conta a atuação destas mulheres como as principais agentes do poder masculino. Dentro do sistema familiar e social, contribuem de maneira decisiva para sua própria submissão e, principalmente, das filhas mulheres.

Como mãe, Zana era exageradamente dedicada aos filhos, até mais que a Emilie de RO (1989), principalmente aos filhos homens, os gêmeos Yaqub e Omar. Rânia, a filha caçula, segue a linhagem da mãe no tocante à dedicação e aos cuidados com os irmãos e parece, inclusive, abrir mão de sua própria carência de afeto maternal em prol deles. Segundo o narrador Nael, apesar de tentar zelar por uma atenção equilibrada, Zana segue a linha patriarcal que privilegia o sexo masculino. Assim, Rânia significava mais que Nael, o filho da empregada, porém menos que os gêmeos, pois numa escala de valores sentimentais e familiares, a mãe privilegiava sempre os filhos homens. Em outras palavras, a diferença de classe (e possivelmente étnica) prevalece sobre a diferença de gênero no romance.

Um dos pontos em comum que se pode estabelecer entre estas duas narrativas hatounianas está justamente no fato de que a mulher/mãe é o objeto de desejo, idealizado e inalcançável para os maridos e filhos homens. Na maioria dos casos, o amor incestuoso é correspondido – de maneiras mais ou menos veladas. A idealização da mulher é necessária ao disfarce do desejo incestuoso dos filhos (ou dos maridos que as têm como mães) e condição que a coloca sempre num patamar inatingível.

3. As irmãs e o regime do irmão

A estrutura familiar serviu durante séculos como “aparelho ideológico” de perpetuação do poder, como nos lembra Althusser (1987). A família, enquanto instituição, possuía significativa participação nessa engrenagem na medida em que atuava como centro difusor de um modelo ideológico estrutural, baseado em papéis específicos para o homem e a mulher. Dentro dessa estrutura, cabia ao homem a chefia do núcleo familiar, sob a imponente alcunha de “chefe da família”, e todas as decisões que atendessem a seus interesses, incluindo-se o futuro dos filhos. Ao pai se atribuía o dever de proteger e sustentar a família e também o de propagar a perpetuação da hierarquia familiar projetada nos filhos varões, seus sucessores, herdeiros e administradores dos bens da família.

Na Modernidade pós-iluminista, de acordo com MacCannell (1991), este regime entra em decadência, cedendo lugar a uma nova ordem pós-patriarcal, centrada na figura do irmão. Em termos históricos, segundo a autora, houve um declínio de três figuras paternas centrais: Deus (em prol do antropocentrismo), o Rei (com a ascensão da República em detrimento do Antigo Regime) e o Pai (com o colapso do patriarcado e do culto à ancestralidade). Em termos simbólicos, houve um “assassinato” do Pai e a usurpação de seu lugar pelos filhos (homens), de modo que o Iluminismo, ao menos em suas narrativas, deixou claro que a casa patriarcal se submeteria a um estado político moldado por uma nova ordem (não patriarcal) igualitária, baseada em princípios de fraternidade. Porém, este novo ego privilegiado na modernidade, o do irmão, que usurpou a posição do pai edípico, não age como um Pai no tocante à representação e responsabilidade com a família.

O romance hatouniano reflete de maneira incisiva uma ordem patriarcal possivelmente ameaçada na modernidade. Na textualidade de sua narrativa, percebem-se os contornos de outra ordem em emergência, marcada não pelo superego do pai, numa ordem edipiana tradicional, mas pela emergência do superego do filho/irmão, refletindo uma ordem imaginária narcísica pós-patriarcal e pós-edípica (nos termos de Lacan), na qual o que importa não é mais a reprodução da espécie ou a proteção/sobrevivência da prole, mas o próprio prazer e o autointeresse.

Quando se discutem as relações de segurança da mulher na Modernidade, temos um dos pontos mais reveladores da nova ordem que se instaura dentro do romance hatouniano. No momento em que é dado ao homem/irmão o ofício de proteger a família, observa-se que a lógica patriarcal se rompe completamente, seu ideário se desfaz e não se sustenta, pois o novo “líder” artificial, egocêntrico e tirânico não está nem um pouco preocupado com o destino dessas mulheres, principalmente a irmã, cujo valor é ainda mais reduzido nesse “império fraternal”.

É assim que acontece com a personagem Samara Délia (RO, 1989), que após a morte do pai, teve que assumir o trabalho na loja para sustentar a casa e a mesada destes. Com Rânia (DI, 2000) também não foi diferente, como observou o próprio Halim, já velho e cansado, pouco tempo antes de falecer. Ao ver a filha “vendendo de porta em porta, ele disse com raiva: ‘Coitada da minha filha, está se matando de trabalhar para sustentar aquele parasita’” (DI, p. 187).

A vida amorosa dessas duas personagens é também bastante intrigante e sobre elas recai a suspeita de um possível relacionamento incestuoso com os irmãos. Samara Délia engravidou ainda muito jovem, por volta dos quinze anos de idade, sem revelar jamais o nome do pai do bebê que esperava. Por conseguinte, convivia com o silêncio e a indiferença dos pais e os maus tratos dos irmãos.

Emilie descobrira a gravidez da filha pelo relevo no ventre, algo negado por Samara, que parecia não ter consciência do que estava acontecendo. Seria ela tão ingênua a ponto de não saber, até então, que estava grávida? Ou simplesmente, e mesmo intencionalmente, quisera esconder esse fato até o último momento? Quais seriam os motivos para tal atitude? Seria realmente Soraya Ângela, sua filha surda e muda, fruto de um relacionamento incestuoso com um de seus irmãos “inomináveis”? A anomalia física apresentada pela criança seria uma marca denunciativa desse relacionamento proibido?

O comportamento de Emilie também corrobora essa suspeita, pois, quando descobriu a gravidez da filha, encarcerou-a num quarto, iniciando um confinamento que se estendeu mesmo após o nascimento de Soraya. Durante o primeiro ano de vida da menina não se escutava nada que denunciasse a existência da criança na casa, “como se mãe e filha tivessem renunciado a tudo, à espera da absolvição e do reconhecimento” (DI, p. 106). O período de vida da pequena Soraya Ângela na casa foi efêmero e marcado pelo desprezo por parte dos tios “inomináveis”.

A relação irmão/irmã que se esboça em RO (1989) exemplifica, mais uma vez, o quanto a mulher, no novo regime, foi relegada a uma condição ainda mais marginal do que no patriarcado. Regular o desejo da mulher e, desse modo, sua identidade, sempre foi o caminho tomado pelo patriarcado. Marginalizá-lo e dissipá-lo com sua identidade é uma característica central do Regime do Irmão (MACCANNELL, 1991).

No texto de Hatoum recai também sobre a filha/irmã a manifestação de poder e opressão advindos também da mãe, que se converte em agente de silenciamento e opressão, ao submeter a filha ao confinamento solitário de seu quarto durante os meses da gravidez. Emilie, a partir de então, também aconselharia Samara Délia a ser devota e casta para o resto da vida: “Porque só assim tu te eximes de uma culpa que pode te corroer da cabeça aos pés” (RO, p. 110). A culpa à qual Emilie se refere e insiste em transpor para a filha seria uma espécie de conscientização por um erro (ou pecado), ainda maior que uma gravidez precoce, indesejada e de pai desconhecido? Sua atitude acentua a suspeita do ato incestuoso praticado pelos filhos, do qual ela própria sabia ou desconfiava. Também o comportamento esquivo e misterioso de Samara reforça essa hipótese.

A relação de natureza incestuosa é condenável por nossa sociedade, pois, de acordo com Freud, no segundo tomo de suas “Obras completas” (1993), tal proibição consiste num fenômeno sociocultural de caráter universal, ligado a aspectos sociais, que atravessou o tempo, das gerações passadas à modernidade, uma vez que não pode haver sociedade sem ordem. Mesmo entre as sociedades primitivas, constatou-se a existência de costumes vitais ou morais, pela regulamentação e

estabilidade da ordem no convívio social, que proibiam relações de natureza sexual entre membros da mesma família. Para Freud, a necessidade de proibição do incesto encontra-se estreitamente ligada ao desejo de cometê-lo, uma vez que tais proibições apresentam uma neurose devido ao conflito que se estabelece entre proibição e tendência. Por um lado, sua violação é conhecida como imoral, no entanto, sabe-se que a figura feminina na família, seja a mãe ou a irmã, é a primeira referência e objeto sobre o qual aflora o interesse sexual da criança ou jovem.

No romance “Dois irmãos” ocorre também episódios reveladores de relações incestuosas na convivência interna no núcleo familiar. A personagem Rânia possui uma trajetória ainda mais reveladora do que Samara Délia. Rânia também padeceu solitária, sem encontrar um companheiro com o qual compartilhasse uma vida amorosa. Ainda jovem, desentendeu-se com a mãe por causa de um namorado pelo qual estava apaixonada, já que esta era contrária ao romance.

Posteriormente Rânia não se interessou por mais nenhum pretendente que a mãe procurava convidar para as festas familiares, na esperança de que dali surgisse um namoro, a mãe sempre advertia: “Vais ficar solteirona, filha. É triste ver uma moça envelhecer assim” (DI, p. 96). Observa-se, de forma clara, nas palavras de Zana, mais uma vez, como a mãe tenta incutir na filha a ideia do casamento como única realização feminina, bem como a prevalência do estereótipo da mulher solteirona, mal amada e infeliz.

Rânia passou a compartilhar com a mãe a dedicação aos irmãos gêmeos, que despertavam nela uma paixão nunca vivida. Rânia se deixava seduzir pelos irmãos, arrumava-se com esmero e toda a sua beleza e sensualidade era dirigida a eles. A intimidade entre ela e os irmãos era grande e explícita. O narrador Nael, que transitava livremente pela casa, relata o quanto ficara intrigado ao ver, certa vez, Rânia, sensual e sedutora, sentar-se no colo de Yaqub e ambos trocarem carícias, e depois subiram as escadas de mãos dadas, “entraram no quarto dela, alguém fechou a porta e nesse momento minha imaginação correu solta. Só desceram para comer” (DI, p. 117).

Também em relação ao outro irmão, Omar, o nível de intimidade não era inferior. Ele lhe dizia tudo o que ela desejava ouvir de um homem e sabia como seduzi-la com suas carícias: “Um beijo nas mãos, um afago no pescoço, uma lambida no lóbulo de cada orelha. Enlaçava-a, carregava-a no colo, olhando para ela como um conquistador cheio de desejo” (DI, p. 117).

Diferente de seu pai, Halim, Rânia não se ressentia da ausência de carinho de Zana em detrimento dos irmãos. Ao contrário, também ela, reproduzindo o modelo familiar, mimava os irmãos. Admirava a beleza de Yaqub, seu porte sério e decidido de “homem da razão”. Mas também se deixava seduzir por Omar, que possuía características opostas às do irmão: farrista e sedutor, um caçador de aventuras que expunha por completo sua vida desenfreada. Como a mãe, Rânia o paparicava e sedia aos seus caprichos, patrocinando suas noitadas de farras com outras mulheres.

Entre as décadas de 1950 e 1960, época que caracteriza os dois romances, Manaus enfrentava mudanças econômicas e sociais, geradas pelo declínio no comércio exportador de borracha na região,

iniciado no período pós-guerra. A cidade passa a enfrentar uma enorme crise que abalaria fortemente sua estrutura econômica, ameaçando também a base estrutural familiar, caracterizada nesses romances. A partir das personagens Samara Délia e Rânia, Hatoum desconstrói o ideário patriarcal que ditava papéis masculinos e femininos e restringia a mulher ao espaço doméstico.

Tanto Samara Délia quanto Rânia não se prendem às amarras do espaço doméstico, assim como não se submetem à condição análoga da submissão feminina ao lar. Elas rompem com as tradições patriarcais, mesmo que de maneira circunstancial e arbitrária, quando assumem o posto dos pais frente aos negócios da família, na esfera pública, e passam a produzir o sustento familiar. Elas tomam para si uma atribuição que antes era destinada apenas ao sexo masculino. Entretanto, cabe observar que essas duas mulheres só ocupam esses espaços públicos porque seus irmãos abdicaram de suas responsabilidades ou preferiram seguir o que sua própria vontade (ou narcisismo) os impulsionava a fazer, sem qualquer compromisso ou responsabilidade com a preservação do patrimônio herdado dos pais.

Fica claro, contudo, que, para obter o sucesso na vida pública, essas mulheres emancipadas abdicam de pretensões a uma vida amorosa ou íntima. Além do mais, há que se considerar que, mesmo com a independência financeira, elas continuam sendo oprimidas pelos irmãos e não rompem com os modelos de comportamento que conferem supremacia ao homem nas relações sociais. Prova disso é que elas continuam idolatrando-os e sustentando-os, cabendo a elas todo o esforço para a sobrevivência, enquanto eles apenas usufruem de seu trabalho.

Portanto, a aparente emancipação dessas mulheres na Modernidade se torna um dado contraditório à luz da constatação de que as relações sociais que mantinham (principalmente em família) pouco ou nada se alteraram. Esse fato evidencia, assim, que o Regime do Irmão, como substituto do patriarcado, contrariando os princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, não integrou a mulher plenamente. Ao contrário, aprofundou o estado de marginalidade feminina no âmbito da vida íntima.

4. A mulher amazônica: subalternidade e exclusão feminina

A relação entre gênero e classe – acrescida da noção de etnia – é fortemente evidenciada na condição subalterna que caracteriza as empregadas domésticas presentes nos dois romances de Milton Hatoum: *Anastácia Socorro* (RO, 1989) e *Domingas* (DI, 2000). Descendentes da etnia indígena, personificam a figura da mulher submissa e servil. São mulheres humildes e totalmente desprovidas de recursos próprios. Arrancadas de suas aldeias, foram levadas para serem educadas e alfabetizadas em algum convento de Manaus, para depois servirem com seu trabalho às famílias manauaras. Mulheres

oprimidas, cuja condição étnica atua como marca da sua alteridade e fator de discriminação a permear o convívio com o Outro.

A própria condição étnica dessas mulheres, em princípio, já pode ser vista como marca da alteridade e fator de discriminação, revelando a ausência de uma generosidade que se revele ou se esconda no trato com o Outro, na aceitação ou recusa do Outro. Essa discriminação é claramente exposta através do tratamento diferenciado reservado a Anastácia Socorro (RO, 1989) que, mesmo tendo sido adotada por Emilie quando ainda era criança, vivia marginalizada no convívio com a família libanesa. Em “Dois Irmãos” (2000), a empregada Domingas também vivencia a condição de subordinação e discriminação ao compartilhar com o filho Nael um quatinho nos fundos do quintal. Segundo palavras do próprio narrador do romance, sua mãe é “uma mulher que não fez escolhas”⁶. Domingas parece não ter escolhido nem mesmo o pai de seu filho, supostamente um dos gêmeos.

No romance “Relato de um certo Oriente” (1989), tal condição é denunciada por intermédio do olhar crítico do personagem Dorner, o fotógrafo alemão. Homem estrangeiro, estudado, culto e viajado, Dorner vem para o Amazonas interessado em conhecer e pesquisar os modos e costumes locais e o comportamento dos índios e caboclos em convívio com os brancos. Esse convívio possibilitou-lhe algumas constatações bastante polêmicas:

Ele procurava contestar um senso comum bastante difundido aqui no norte: o de que as pessoas são alheias a tudo, e que já nascem lerdas e tristes e passivas; seus argumentos apoiavam-se na sua vivência intensa na região (RO, p. 83).

Gayatri Spivak (1988), chama a atenção para a falta de autoridade que caracteriza o indivíduo subalterno em sua própria representação, principalmente em se tratando de mulheres oprimidas. No caso das empregadas domésticas analisadas, o deslocamento de seu *habitat* natural, ou seja, a transposição geográfica para um ambiente de certa forma hostil à sua cultura, também acarretará um segundo deslocamento, representado pela transposição social de valores, que constituirá com maior intensidade o seu silenciamento.

Hakim reforça essa ideia de subordinação na qual os empregados da casa viviam, pois Anastácia Socorro, apesar de ter sido adotada por Emilie, ainda criança, não era tratada como os demais membros da família. Anastácia vivencia a chamada “integração ilusória” de que fala Dorner. Habitava um quatinho nos fundos do quintal e não recebia qualquer tipo de remuneração pelo trabalho que desempenhava e, como os demais serviçais, também era discriminada e maltratada.

A “resignação” de Anastácia pode ser vista também como estratégia de sobrevivência. Segundo Audre Lorde (1994), este reconhecimento da posição e diferença social dá continuidade a uma forma de relacionamento humano caracterizada pela relação dominante/dominado. Nela, o oprimido é levado

⁶ Informação contida no “texto de orelha”. In: Dois irmãos (8ª reimpressão/2004).

a reconhecer a sua inferioridade/diferença em relação ao “Senhor” (patrão), submetendo-se à subalternidade como estratégia para sua própria sobrevivência.

A condição servil de Anastácia é, contudo, um elemento que ilustra a supremacia da mulher branca de classe superior e revela o quanto esta, quando em situação de poder em relação a outra mulher, compactua com o regime opressor ao exercer o poder sobre a empregada, contribuindo, portanto, para a perpetuação das estruturas hierárquicas de opressão social. Concepções dessa natureza servem, conforme Lorde (1994), como pretexto para as pessoas se sentirem superiores às outras, seja pela cor da pele, pela raça ou posição social.

Assim como Anastácia Socorro, Domingas, também vivem sob o mesmo regime de “cárcere privado”. Aliás, Domingas e Anastácia possuem uma trajetória muito semelhante: provenientes de algum orfanato de Manaus, foram, ainda crianças, morar com as famílias libanesas. Viviam à margem desses lares, morando em quatinhos nos fundos dos quintais. Daí já se observa a situação de exclusão e orfandade que essas mulheres trazem como marca de uma existência miserável e sem perspectivas. Mulheres que abdicaram dos sonhos e desejos individuais em nome de uma vida toda dedicada ao trabalho servil.

A condição subalterna e excludente vivida por Domingas, a empregada doméstica de Zana em “Dois irmãos” (2000) é denunciada através da voz inconformada de seu filho Nael, o que reitera mais uma vez a falta de autoridade representativa do sujeito subalterno de que fala Spivak (1988). Narrador do romance, Nael não só é possivelmente filho de um dos gêmeos: Yaqub ou Omar? Há dois episódios no romance em que ela lança essa hipótese: “Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, brutalizado... Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão” (DI, p 241). Teria sido nesta noite que Domingas engravidara? Seria então Omar o pai de seu filho? Ou seria Yaqub? Ela nunca escondeu a admiração que sentia por ele: “esse gêmeo tem olho de boto; se deixar ele leva todo mundo para o fundo do rio” (DI, p. 30). Seria então Yaqub o pai de Nael? Uma terceira possibilidade é a de que ela própria nem soubesse qual dos dois era de fato o pai de seu filho, visto que poderia ter sido abusada por ambos os patrões, de forma talvez regular (consentida) ou não.

Notamos em Domingas a dedicação e o desprendimento com que viveu, sem reivindicar nada para si. A voz inconformada de Nael serve de mediação para denunciar as condições de vida que levava junto à mãe, uma pessoa, segundo ele, sem ambições, que vivenciava em seu dia a dia a experiência da divisão social entre pobres e ricos, patroa e empregada.

Com o tempo o corpo de Domingas (DI, 2000), que foi esmorecendo ao ritmo da labuta diária, até o dia em que se paralisou por completo, inerte na rede desbotada, representando, assim como Anastácia Socorro, corpos servis, destinados unicamente à produção, instrumentos de denúncia de seus *status* “reificados”, na ordem exploratória em que se inserem como testemunhas de toda uma vida de renúncias, de dedicação e de trabalho servil que, irremediavelmente, terminava na miséria.

Considerações finais

A maneira como o romance hatouniano enfatiza a figura feminina em meio a grandes dificuldades de relacionamento e adequação aos padrões pré-estabelecidos para as mulheres, na sociedade em que se encontram alocadas, leva-nos a constatar que a estratégia de Hatoum em colocar sempre uma figura feminina no eixo central da narrativa, em geral as mães, das quais emanam as relações com os demais personagens, propicia uma análise da representação de gênero e poder centrada nas personagens femininas. Assim, uma vez que essas mulheres representam a figura materna moldada pela ideologia patriarcal ou pós-patriarcal, elas, valendo-se do poder e da centralidade que lhes é conferida pelo papel de mãe, (re)produzem sobre outras mulheres a opressão de gênero também sofrida por elas próprias.

Desta forma, as filhas mulheres, as empregadas domésticas tornam-se oprimidas e discriminadas, sendo o principal opressor uma outra mulher, que exerce um poder tridimensional propiciado respectivamente pelos papéis de mãe e patroa. Este constitui, portanto, fator recorrente entre as duas obras: a mulher/mãe como figura central nas relações familiares e detentora e propagadora das relações de poder sobre os demais membros da hierarquia familiar, principalmente sobre outras mulheres. Entretanto, como observado, elas também estão inseridas em relações assimétricas de poder, especialmente com os filhos homens.

Assim, pode-se perceber que, dentro da esfera familiar e social dos imigrantes libaneses, as mulheres, enquanto mães, desempenham papéis múltiplos e contraditórios, reproduzindo sobre outras mulheres as estruturas de poder e dominação a que estão sujeitas. Essas relações de dominação podem ser baseadas em critérios não apenas de gênero (ainda que esta seja a categoria básica que determina a opressão entre elas), mas também na posição que ocupam na hierarquia familiar, além da classe social. Assim, a categoria gênero se mostra perpassada por outros determinantes que tornam problemática a visão homogênea da mulher, revelando-a enquanto construção heterogênea.

Em “Relato de uma certa Oriente” (1989), o marido de Emilie ainda pode ser considerado um pai de família conservador. No entanto, representa-se o surgimento de um novo arranjo familiar-social em que o pai tenta impor sua autoridade patriarcal, mas esta se encontra totalmente desacreditada, sem vigor. Portanto, em seu lugar, surge a supremacia dos filhos, que se recusam a assumir qualquer responsabilidade, seja com a família, com o trabalho e até mesmo com a prole, convergindo seus interesses exclusivamente sobre seus projetos e desejos individuais. Então, tais responsabilidades recaem sobre a irmã. Por essa razão, nos romances, a irmã se sente compelida a assumir os negócios da família e o sustento da casa, inclusive prover a pensão dos irmãos. Trata-se, pois, de um processo de emancipação feminina apenas relativo, uma vez que os padrões de subordinação e opressão parecem, nestes casos, se agravar.

O comportamento dos filhos e irmãos/herdeiros revela, de forma mais significativa, a nova ordem instaurada no universo hatouniano, o “Regime do Irmão”, que traz como foco principal a disputa de uma centralidade firmada não só no amor da mãe, mas também na rejeição da irmã, que se torna o polo negativo contra o qual o homem procura validar sua identidade. É através da subordinação, perseguição e marginalização da irmã, as personagens Samara Délia (RO) e Rânia (DI), que seus irmãos buscam construir a própria identidade.

Questões de classe e etnia também são enfatizadas no decorrer da narrativa hatouniana, na estreita relação que mantêm com as noções de gênero. Passam, pois, a ser foco da análise no que concerne a questões de classe e poder, seja ao se detectar a discriminação das empregadas “nativas” e pobres, que dedicam toda uma vida em prol do trabalho servil, sem reivindicar nada em troca, seja ao se constatar a curiosa ascensão de mulheres como Samara Délia e Rânia frente aos negócios da família.

Desse modo, é possível afirmar que a análise dessas obras, sob a visão dos estudos de gênero, proporcionou uma visão contundente dos diversos papéis que as personagens femininas desempenham dentro do contexto romanesco, ao habitarem universos que parecem opor homens e mulheres. Deste *status* derivam a dominação masculina e uma efetiva submissão feminina, determinada pelas categorias de gênero, classe social e etnia, reiteradas frequentemente através da essencialização das identidades femininas – encarnadas, sobretudo, no perfil da mulher ideal. Assim, a leitura das relações entre homens e mulheres, e também de mulheres entre si, permitiu visualizar um complexo universo ficcional no qual homens e mulheres ora se confrontam, ora se harmonizam, dentro da narrativa de Milton Hatoum.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. v. 1, trad. Sérgio Milliet. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Totem y Tabu. Epanã; Nueva, 1993. t. 2.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LAGUARDIA, Adelaine. Prefácio: **A mulher e o poder na ficção de Milton Hatoum**. In.: SILVA, Joanna da. Curitiba: Appris, 2015.

LAMAS, Marta. Usos, dificultades y posibilidades de la categoría “género”. **La Ventana**: Revista de estudios de género, nº. 1, Universidade de Guadalajara, 1995, p. 327-365.

LORDE, Audre. Age, race, class, and sex: women redefining difference. In: McCLINTOCK, Anne; MUFTI, Aamir, SHOHAT, Ella (eds.) **Dangerous liaisons**: gender, nation, and postcolonial perspectives. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1997, p. 374-380.

MACCANNELL, Juliet Flower. **The regime of the brother**. After the patriarchy. New York: Routledge, 1991.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro. Record: Rosa dos Tempos, 1995.

SPIVAK, Gayatri. “Can the subaltern speak?”. In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Layrence (eds.). **Maxist interpretation of culture**. London: Macmillan, 1988, p. 24-28.